AMARES
(Santa Maria de Ferreiros)

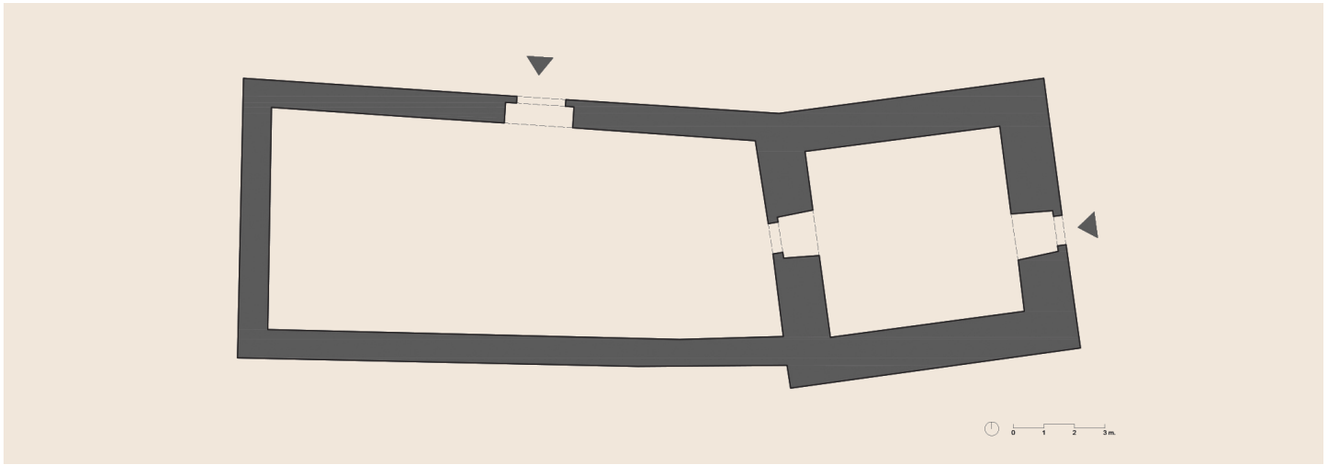
A partir da cidade de Braga dirija-se a Amares utilizando a estrada N205. Ao atravessar o rio Cávado terá, à sua mão direita, a mediévica Ponte do Porto, em cuja (re)construção interveio o arcebispo bracarense D. João Peculiar (1138-1175), como se atesta em epígrafe gravada num rochedo a montante da ponte. Logo depois de ultrapassado o rio Cávado tome, na primeira rotunda, a terceira saída, para a estrada M1253. Circule por esta via até à rotunda seguinte, onde deverá tomar a terceira saída, à esquerda, para a rua da Cintura, que o conduzirá até ao lugar de Santa Luzia, numa zona baixa da freguesia de Santa Maria de Ferreiros. Estacione no amplo largo junto da capela de Santa Luzia, que pertenceu ao paço medieval dos Vasconcelos. As ruínas desta casa senhorial erguem-se meia dúzia de metros a sul da capela.

Torre de Vasconcelos

A freguesia de Santa Maria de Ferreiros teve ocupação medieval desde épocas recuadas, como nos documenta um capitel de pilastra pré-românico, de tradição asturiana, que se conserva no Museu Pio XII, em Braga. A Torre de Vasconcelos é um dos melhores exemplos portugueses para uma *Domus Fortis*. O processo de afirmação deste novo modelo residencial, conotado com a pequena e média nobreza, penetra em Portugal a partir dos meados da segunda metade do século XII. O caso pioneiro foi a Torre de Cunha, erguida por Lourenço Fernandes da Cunha em 1171 e demolida por ordem de D. Sancho I em 1210. Portugal acompanha, assim, os primeiros momentos de afirmação da *Domus Fortis* na Europa. A Torre de Vasconcelos foi construída um século depois, na segunda metade do século XIII. A família nobre que a mandou erguer – os *de Vasconcelos* – retirou o apelido ou nome de família do topónimo da honra que aqui detinham, um micro-topónimo da freguesia de Santa Maria de Ferreiros. Isto aconteceu ainda antes de terem mandado construir a Torre de Vasconcelos, a sua casa de morada. Com efeito, os primeiros a intitularem-se "de Vasconcelos" (João Pires e Sancha Pires) fizeram-no antes da torre se ter erguida. O pai de ambos, Pero Martins da Torre, era assim conhecido por ser natural do lugar da Torre, freguesia no extremo norte do concelho de Amares, e não por ser detentor da Torre de Vasconcelos. Esta construção surgiu na geração seguin-



Vista geral da fachada principal da torre e anexo residencial



Planta da Torre e Paço de Vasconcelos

te e veio sancionar um processo de expansão senhorial que envolveu o recurso às práticas mais usuais para a época – o amádigo, escambos e usurpações –, que se encontram bem retratadas nas Inquirições de 1258 e de 1288-91. Em 1265 o património fundiário de Vasconcelos estava disperso por vários familiares, por força de partilhas e doações testamentárias. Estava na posse dos filhos de João Pires de Vasconcelos, *o Tenreiro*, de uma irmã deste (Sancha Pires de Vasconcelos, casada e residente em Santarém) e de uma prima de ambos (pelo lado materno), D. Mor Martins, abadessa de Arouca. A forma como o património se dispersara revela-nos que a sua origem radica no matrimónio de Fruilhe Viegas de Lanhoso com Soeiro Pires *Escacha*. A partir deste casal, o património foi transmitido aos filhos. Uma parte ficou na posse da filha de ambos, Teresa Soares da Silva, que casou com Pero Martins da Torre e que teve dois descendentes (os já mencionados João Pires de Vasconcelos e Sancha Pires de Vasconcelos). A outra parte ficou na posse de uma irmã de Teresa Soares, de seu nome Estevaínha Soares da Silva, que casou com Martim Fernandes de Riba de Vizela e teve vários filhos, entre os quais D. Mor Martins II, abadessa de Arouca. Assim, em 1265 o património estava disperso por várias mãos: uma parte na posse de Pedro Anes e de Rodrigo Anes de Vasconcelos (filhos de João Pires de Vasconcelos), outra parte na posse de uma tia de ambos (Sancha Pires de Vasconcelos) e uma derradeira porção nas mãos de uma prima, D. Mor Martins, abadessa de Arouca. Pedro e Rodrigo Anes obtiveram, em 1265, uma procuração de sua tia, Sancha Pires, para negociarem com a prima, Mor Martins, a aquisição dos bens de Vasconcelos. E assim um património fundiário que se tinha dispersado por força de heranças, voltou a ganhar coerência e coesão. Pouco depois de 1265 os dois irmãos, Pedro e Rodrigo Anes de Vasconcelos, iniciaram a construção da Torre de Vasconcelos.

A torre, de planta quadrada, foi erguida no alto de um afloramento granítico, com desníveis abruptos e delimitado, a oriente e a ocidente, por dois pequenos ribeiros que se unem logo a seguir e vão desaguar no rio Cávado. As suas dimensões exteriores são de 9,7 x 9,2 m. Internamente tem 6,3 x 6,12 m, o que permitia uma área útil de 38,5 m^2 por piso. A torre apresentava a sua porta, de arco quebrado, voltada a leste, que ainda se preserva. Apesar de ela estar, hoje, a uma cota térrea (por elevação dos terrenos agrícolas a norte da torre), esta entrada era, na idade média, ligeiramente soerguida. Ficaria a cerca de 1,80 m de altura em relação à cota de terreno medieval. Quando foi construída, a Torre de Vasconcelos devia ter dois pisos sobradados. Numa descrição datada de 1638 a torre ainda tinha 40 palmos de altura (ou seja, cerca de 8,80 m). Hoje, desta torre apenas sobrevive o piso térreo, sem outra abertura coeva da primeira fase para além da porta. Durante algum tempo a residência de Vasconcelos resumiu-se a esta torre. Mas, ainda antes do final da centúria ou logo nos inícios do século XIV, a família empreendeu a construção de um anexo residencial, uma construção de planta retangular com 7 x 14,2 m (ou seja, 99,4 m^2 por piso). Este anexo foi erguido adossado à torre e, para melhor união entre as duas construções, parte da parede ocidental da torre foi desmontada. De esse processo construtivo restam evidentes sinais na estereotomia dos muros e se, na parede norte, não temos junta viva, na face oposta, voltada a sul, preserva-se o cunhal da primitiva torre. Porque a superfície disponível do afloramento era escassa, a nova construção não se alinhou rigorosamente no eixo da torre, mas apresenta um desvio axial para norte. A articulação interna entre os



Vista geral de sul, vendo-se o ressalto na separação entre a zona do anexo residencial e a torre senhorial

Porta de entrada do anexo residencial



Vista do espaço interior do anexo residencial e porta de acesso à zona da torre





Capela de Santa Luzia, que pertenceu ao Solar. Cruzes de sagração românicas e, ao centro, inscrição da reconstrução moderna do templo

dois espaços contruídos – torre e anexo – passou a ser garantida por uma nova porta, que foi rasgada entre as duas estruturas. Esta porta tem uma tipologia ligeiramente distinta da primeira porta: enquanto que a porta mais antiga apresenta arco quebrado (na face externa) e arco abatido (no vão do muro), a nova porta apresenta a solução, mais usual, de arco de volta perfeita no vão da parede. A cota a que a porta foi aberta, que corresponde ao rés-do-chão da torre, implicou que, na zona do anexo, fosse servida por escada. A partir do exterior, o acesso ao anexo fazia-se por uma ampla porta, de arco quebrado, que se rasgou ao nível térreo da parede voltada a norte (1,80 m abaixo da cota da soleira da porta da torre, como referimos). Este anexo residencial foi dotado de dois pisos: o do rés-do-chão era a *aula* ou sala de receção da casa senhorial; o do primeiro piso correspondia à *câmara* ou quarto de dormir da família. A vida quotidiana da família dos de Vasconcelos transferiu-se para este anexo, bastante mais amplo que as exíguas dimensões da torre, claramente insuficientes para uma família que teve uma prole vasta. Lamentavelmente, o anexo residencial também não apresenta janelas ou frestas. No piso térreo deveria ter uma na parede voltada a sul ou a ocidente, mas estas paredes estão arruinadas até uma cota baixa. E deveriam ter outras no primeiro andar, quase totalmente ausente por desmonte dos muros e reaproveitamento dos silhares em construções modernas vizinhas. A existência do piso sobradado está, no entanto, documentada pelos cachorros de apoio da estrutura de sobrado, que ainda se conservam bem visíveis. A estrutura da Torre e Casa de Vasconcelos foi ocupada pela família ao longo dos séculos XIV e XV. No entanto, a deslocação dos seus membros para sul, nomeadamente para Lisboa, para junto da corte, acabou por ditar o abandono progressivo da casa senhorial. Um violento incêndio consumiu o seu interior levando ao colapso do pavimento sobradado e do telhado. O derrube do telhado encontra-se datado arqueologicamente por moedas de D. Manuel I. Depois deste incêndio, a casa não voltou a ser ocupada. E, por isso, no seu testemunho, redigido em 1638, João Salgado de Araújo descreve-nos a torre com 40 palmos de altura, estando no mais arruinada.

A ausência de aberturas dificulta a datação destas ruinas e empobrece o seu conhecimento. No entanto, podemos assumir que as suas tipologias deveriam ser concordantes com as das janelas da Torre de Dornelas, que se ergue a uns escassos quilómetros de distância, e que foi erguida por uma irmã de Pedro e Rodrigo Anes, os dois construtores do solar de Vasconcelos. Com efeito, a Torre de Dornelas foi construída por Teresa Anes de Vasconcelos e por seu marido, João Fernandes, *o Franco*, de cujo matrimónio descendem os *de Ornelas*. Ora, a Torre de Dornelas apresenta uma porta de entrada rigorosamente igual à de Vasconcelos: soerguida 1,80 a 2 m em relação à cota do terreno envolvente, com arco quebrado na face externa e com arco abatido na face interna. As semelhanças são tantas que sugerem que o mesmo mestre terá sido responsável pelas duas edificações, afinal separadas por escassa distância e ligadas a elementos de uma mesma família. A Torre de Dornelas preserva as aberturas medievais: três frestas abocinadas e três pequenas aberturas dotadas de arco quebrado, sem mainel central nem bancos afrontados, ou conversadeiras, como viria a ser moda nas casas-torre do século XIV.

A escassos metros de distância das ruinas de Vasconcelos, para norte, ergue-se a capela de Santa Luzia. A pe-

quena ermida é de evidente fábrica moderna. No entanto, na sua fachada e no seu interior foram reaproveitadas seis pedras com cruzes de sagração medievais. Sobre a porta de entrada colocou-se uma inscrição que diz:

ESTA CAPELA HE SAG / RADA E SEGUNDA VES RE /
EDIFICADA TEM RELIQUI / AS NO ALTAR & INDVLG(encias)

E no interior do templo guarda-se uma imagem da santa padroeira, em madeira, que remonta ao século XV. Todos estes elementos confirmam a informação das *Memórias Paroquiais* de 1758 quando o pároco de Santa Maria de Ferreiros registou que *No lugar de Vasconcellos onde se acham as ruinas situadas de hum grande castello ou torre onde foi o solar da ilustrissima família dos Vasconcellos deste reino está huma capella de invocasam de Santa Luzia que hé tradisam vulgar fora sagrada e se acha com os signais nas pedras em forma de cruz que costumam ter as tais igrejas sagradas…*, acrescentando: … *Esta capella hoje está sujeita à freguesia porém dizem que em outro tempo fora da predicta caza dos Vasconcellos o que se mostra por estar mui conjunta à dita torre…* Santa Luzia é, como se sabe, a advogada das doenças e maleitas dos olhos. Todos os anos, pela festa de Santa Luzia, a 13 de dezembro, a padroeira da capela do paço dos Vasconcelos continua a ser distinguida com concorrida romaria.

Texto: MJB - Fotos: MJB/SVS
Plano: GM/MS/NB (sobre SIPA-DGPC/MJB)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J., 2002, pp. 103-109; AZEVEDO, P.A, 1904, pp. 363-380; BARROCA, M.J., 1989, pp. 9-61; BARROCA, M.J., 1998a, pp. 39-103; BARROCA, M.J., 2014, pp. 117-147; CASTRO, E., 1933; MEM. PAROQ. 1758 (2003), p. 46; SILVA, J.C.V., 1995a, pp. 56-57; SIPA; SOUSA, J.J.R., 1978.